



## BRASILIANAS

William França | brasilianas.cm@gmail.com

## Não, IBGE... o DF não tem favelas! Tem invasões

Censo 2022 indica que o DF tem 3 das maiores favelas do país em área, e a 2ª em moradores. E que são 62 favelas ao todo. Mas não é bem assim

Renato Alves/Agência Brasília



Vista aérea de parte do Sol Nascente, "a segunda maior favela do Brasil", segundo o IBGE

Causa espanto ver no noticiário nacional que o Distrito Federal tem três das maiores favelas do país em área ocupada e a segunda mais populosa, perdendo apenas por 1.100 habitantes para a Rocinha, no Rio de Janeiro. Esse é o resultado do Censo 2022, divulgado na última sexta-feira (8) pelo IBGE.

O IBGE está enganado. Brasília não tem favelas clássicas, onde os moradores vivem em barracos improvisados, sem saneamento, em condições sub-humanas, à margem dos serviços e do poder público.

Mas o leitor de "Brasilianas" pode dizer: "Tem sim. Já vi fotos. A minha empregada já disse que é assim". Vou retrucar. Não temos favelas... temos invasões de terras públicas (ou particulares) para tomar posse do lugar. É a indústria da grilagem de terra, um dos maiores problemas do DF – embora sempre tenha existido.

Segundo o IBGE, o DF tinha 62 favelas no último censo. Digo que não. O DF tinha 62 invasões de terra consolidadas, todas aguardando legalização do Poder Público para se tornarem loteamentos, regiões administrativas ou terras legalizadas para revenda, gerando novas invasões.

A grilagem de terra no DF já foi alvo de CPI na Câmara Legislativa, ações do Ministério Público e órgãos

de fiscalização, com o DF Legal à frente. Já custou mandatos de deputados distritais e gerou prisões. Mas continua firme e forte.

### Temos "favelados" de classe média

A "favelização" de Brasília tem diferentes níveis, dependendo da renda dos ocupantes. Segundo o IBGE, a maior favela em população no DF é o Sol Nascente, adjacente à Ceilândia, ocupada por pessoas de baixa renda (ou nenhuma). Começou nos anos 2000 com 7 mil pessoas, hoje tem mais de 90 mil.

Já a maior "favela" em área ocupada é a 26 de Setembro, com 10,5 km² de área, um típico condomínio de classe média, numa expansão de Vicente Pires. A pressão dos "favelados" levou o presidente Jair Bolsonaro a sancionar uma lei, reduzindo a área do Parque Nacional de Brasília para o GDF regularizar os terrenos.

A 26 de Setembro não é muito diferente dos condomínios que se espalharam pelo Jardim Botânico. A "diferença" é que eles nasceram de parcelamentos irregulares de terrenos particulares, em sua maioria.

Das outras 60 "favelas", sugiro que o GDF faça um levantamento. Em todas há pressão de grileiros (ou políticos) para regularização, serviços públicos e benesses.

A questão das invasões buscando regularização não é nova. Remonta aos anos 1970. Brasília, recém-inaugurada, já lidava

com isso. Afinal, Ceilândia, a maior Região Administrativa do DF, nasceu dessa estratégia: regularizar invasões em torno do Plano Piloto.

CEI significa "Campanha de Erradicação de Invasões", feita pelo governador Hélio Prates. Logo após, acrescentou-se "lândia" (cidade). Nasceu Ceilândia, em março de 1971.

O problema acabou? Nos anos 1980/1990, o Plano Piloto tinha mais de 80 ocupações irregulares. Se o IBGE fizesse o censo, teríamos 80 favelas no coração de Brasília.

O governador Joaquim Roriz decidiu dar lotes a todos esses moradores, com a condição de não voltarem a invadir o Plano Piloto. Daí surgiram Samambaia, Riacho Fundo I e II, Sobradinho II, Recanto das Emas e Santa Maria.

### Loteamento mudou o DF

Esses locais foram também assentamentos de moradores sem teto. Houve distribuição de lotes para parentes, apadrinhamento político, programas sociais sérios, uma mistura que gerou inchaço populacional, elevando o desemprego e rebaixando os índices de qualidade de vida de Brasília.

O governo do DF estruturou todas essas áreas. Nos primeiros anos dessas hoje cidades, se o IBGE passasse por Samambaia, a classificaria como favela. Por quatro anos, não havia água encanada, esgoto, asfalto. Parecia "terra de ninguém".



Gabriel Bortoleto/Instagram

Gabriel Bortoleto é o primeiro brasileiro a competir na Fórmula 1, em sete anos

## BRB agora patrocina piloto brasileiro na F1

O Banco de Brasília expandiu seu patrocínio esportivo para além do futebol do Flamengo. A partir do ano que vem, o BRB ocupará um lugar de destaque no uniforme do piloto brasileiro Gabriel Bortoleto, anunciado semana passada como novidade na Fórmula 1. O banco também patrocina desde julho a equipe BWT Alpine.

Gabriel Bortoleto, 20

anos, o primeiro brasileiro a competir na Fórmula 1 em sete anos, será piloto da equipe Sauber na temporada de 2025. Ele assinou um contrato de múltiplos anos com a equipe, que será renomeada para Audi F1 Team a partir de 2026. Bortoleto será companheiro de equipe de Nico Hülkenberg.

Assim, o BRB estará estampado seu patrocínio em duas equipes distintas na

principal (e mais cara) categoria do automobilismo mundial. "Brasilianas" questionou, por duas vezes, qual o valor desses patrocínios. Não houve resposta do banco.

No dia 2 de novembro, o governador Ibaneis Rocha (MDB) esteve presente no Autódromo de Interlagos, durante o GP São Paulo de Fórmula 1. Estava acompanhado do presidente do presidente nacional do PP, senador Ciro Nogueira (PI) – que publicou a foto deles em seu Instagram.

Segundo o BRB, desde o ano passado o banco investe na carreira de Gabriel Bortoleto, quando ainda era piloto da Fórmula 3 FIA. Em 2024, ele corre pela Fórmula 2 FIA e vem acumulando vitórias. É o atual líder do campeonato, a duas rodadas da grande final.

Renato Alves/Agência Brasília



Praça na região residencial do Sol Nascente. Parece favela?

Em menos de 10 anos, Samambaia se tornou uma cidade com 100% de saneamento, linha de metrô, asfaltada. Hoje, 35 anos depois, está se expandindo horizontal e verticalmente como novo polo de moradia para a classe média.

Uso Samambaia como exemplo para mostrar que as "favelas" vistas pelo IBGE são, de fato, mais do mesmo. Ou quase. A diferença é que nos loteamentos de Roriz, os lugares foram planejados, com estruturas para a população, como lotes para escolas, hospitais e serviços públicos.

### Grilagem é eficiente

O Sol Nascente – "a maior favela do DF em população", segundo o IBGE – é o retrato da eficiência nas grilagens de terra e invasões. Lá, oportunistas expandi-

ram o uso de terras além de Ceilândia, indo em direção a Águas Lindas de Goiás. A cidade goiana também sofreu as consequências, mas isso é outra história.

Voltando ao Sol Nascente, uma área tipicamente rural, cheia de nascentes de água, foi sendo grilada, loteada e vendida a preços irrisórios. Atraíu os mais pobres, expulsos dos altos aluguéis nas RAs urbanizadas. É um ciclo.

De repente, "descobre-se" que há muita gente lá e que falta tudo. E o que acontece? Começam as cobranças ao Poder Público, que corre para ajeitar as coisas. Hoje, o Sol Nascente é formalmente uma Região Administrativa, com 95% de rede de água tratada. A rede de esgoto e água pluvial está sendo finalizada.

Boa parte das ruas já tem asfalto. Terá a maior UPA do

DF, um Instituto Federal de Educação, tem escolas e creches, e será ligada por um BRT à Esplanada dos Ministérios, a 38 km. O GDF já regularizou 800 lotes, dos 22.000 mapeados, e está ampliando esse processo a passos largos.

No próximo censo, o IBGE vai encontrar outra ocupação urbana lá. O Sol Nascente deixará de ser favela (haverá gente com baixa renda, mas o espaço urbano terá outra configuração). Mas o IBGE achará outra "favela" no DF.

Não, IBGE. Não será outra favela. Será outra invasão de terra, para começar novamente o ciclo da regularização dos lotes ocupados irregularmente e a implantação dos serviços urbanos. Essa é a sina do DF... enquanto houver terra.

# Pessoas podem perder bolsa família

SES-DF alerta para possibilidade do não pagamento na falta de realização de exames

Por Thamiris de Azevedo

Dados da Secretária de Saúde do Distrito Federal (SES-DF) apontam que 55,25% dos beneficiários não realizaram exames condicionantes para o recebimento do benefício da bolsa família. O pré-requisito é destinado para gestantes, mulheres de 14 à 44 anos e crianças. A ausência nas consultas pode acarretar o bloqueio, a suspensão ou o cancelamento do benefício.

Segundo a pasta, somente 44,75% fizeram o acompanhamento. O número é abaixo do esperado, dos quais 95 mil são

menores de 7 anos. O quantitativo coloca a capital nas últimas posições do ranking nacional. No DF, há mais de 350 mil beneficiários do programa no perfil Saúde.

Ao Correio da Manhã a SES explica que o procedimento é para amparar a população atendida.

"O monitoramento das condicionalidades de saúde visa garantir que as famílias em condições de vulnerabilidade social tenham acesso aos serviços básicos de saúde e proporcionar a melhoria contínua dos serviços oferecidos".

"O programa determina que os participantes cumpram



Goviana Albuquerque/Agência Saúde

Capital está nas últimas posições do ranking nacional

os compromissos nas áreas de saúde e educação para evitar bloqueio, suspensão ou cancelamento dos pagamentos. As condicionalidades de saúde avaliadas englobam a vacinação, o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento e a assistência pré-natal", completa.

A coordenadora do Bolsa Família na SES-DF Christiane Viana, assegura que os serviços são vitais às mulheres.

"Asseguramos o acesso a esses serviços de saúde vitais às mulheres do programa, monitorando o cumprimento dos requisitos e buscando melhorias contínuas", afirma Christiane.

### Exames

Para realizar o acompanhamento das condicionalidades em saúde, a SES-DF indica que os beneficiários que se enquadram na condicionante devem se dirigir à Unidade Básica de Saúde (UBS) mais próxima de onde residem.

"É importante avisar ao profissional de saúde que se trata de beneficiário do programa durante o atendimento e apresentar o cartão do Bolsa Família. Para as gestantes, é necessário levar, também, a caderneta de pré-natal. Já as crianças menores de 7 anos, é preciso apresentar a caderneta de vacinação", ressalta em nota.